

ENTREVISTA/

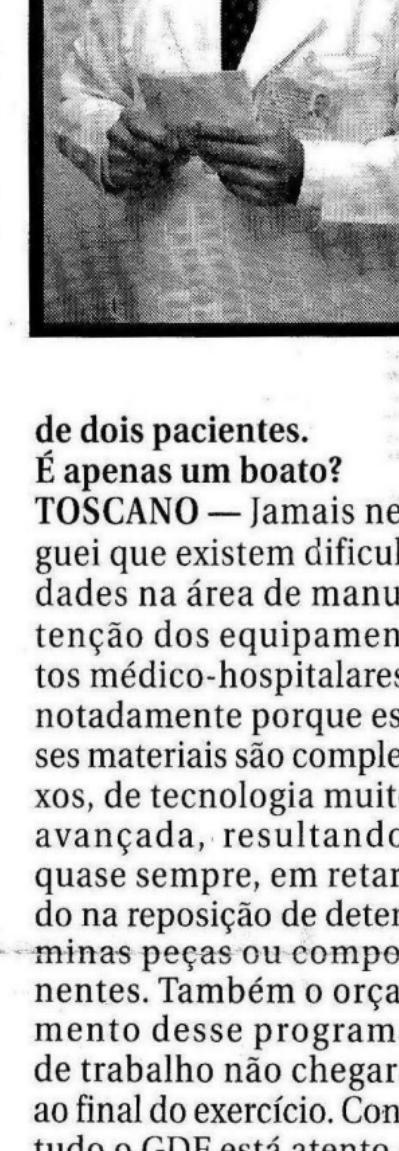
ALUISIO TOSCANO

Secretário de Saúde diz estar atento às falhas no HBDF

“Desconheço que houve mortes”

Este ano, a Secretaria de Saúde passou por três direções. Em abril, Jofran Frejat deixou a pasta para se dedicar à campanha ao Senado. Passou o bastão para Paulo Kalume, que três meses depois pediu exoneração alegando que o estresse estava agravando o quadro da sua doença (hepatite B). Em seu lugar, assumiu Aluisio Toscano, diretor do Hospital de Base. Para falar sobre os problemas que enfrenta no hospital e na Secretaria, Toscano pediu que as perguntas do Correio fossem enviadas por fax. Confira as respostas:

Acacio Pinheiro 12.11.01



CORREIO BRAZILIENSE
— Como o Sr avalia o funcionamento do HBDF hoje?

ALUISIO TOSCANO — É verdade que os hospitais da rede da Secretaria de Saúde sofreram uma transitória crise de desabastecimento. Essas dificuldades atingiram alguns medicamentos e outros insumos hospitalares (materiais médico-hospitalares). Uns poucos tiveram seus estoques esgotados, outros apenas atingiram nível crítico, devendo merecer reposição adequada. Repito, apenas alguns, pois os serviços não interromperam suas atividades, tampouco houve prejuízos irreparáveis aos pacientes, como foi noticiado por alguns órgãos de imprensa. No momento, todos os recursos disponibilizados pelo governo estão sendo aplicados com o objetivo de eliminar essas carências.

CORREIO — Na unidade de cardiologia, os pacientes estão esperando mais tempo por uma operação agora do que há um ano. Há denúncias de que alguns deles morrem nessa espera e ficam suscetíveis a infecções no pós-operatório.

O senhor tem conhecimento desses problemas? Tomou alguma providência para contorná-los?

TOSCANO — Preliminarmente, reafirmo que a direção do HBDF, igualmente à da Secretaria, desconhece se algum paciente da cardiologia ou de outros serviços tenha falecido em razão da desassistência. Ainda, os mapas estatísticos cujas informações são fornecidas pelos diversos serviços nos hospitais mostram que não há queda significativa da produção das clínicas, aí incluída a Cardiologia do HBDF.

CORREIO — Dois

médicos do Pronto

Socorro denunciaram

a precariedade dos

respiradores a

reportagem do Correio.

Segundo eles, a

máquina não conta

com sistema de alarme

e já provocou a morte

de dois pacientes. É apenas um boato?

TOSCANO — Jamais neguei que existem dificuldades na área de manutenção dos equipamentos médico-hospitalares, notadamente porque esses materiais são complexos, de tecnologia muito avançada, resultando, quase sempre, em retardos na reposição de determinas peças ou componentes. Também o orçamento desse programa de trabalho não chegará ao final do exercício. Contudo o GDF está atento e suplementando recursos para atendê-lo. Repito, as direções do HBDF e da própria Secretaria desconhecem se algum paciente tenha falecido por falta de assistência. Desconheço se há ou não boatos. Prefiro dizer que pode estar havendo desinformação. Qualquer morte injustificada, aí incluídas as que possam ser atribuídas à omissão, negligência ou imprudência, será sempre apurada pela Comissão de Ética do Conselho Regional de Medicina, que funciona livremente dentro de todos os hospitais, o que acontece também com o HBDF.

CORREIO — Desde junho, o programa de tratamento fora de domicílio do DF está funcionando

irregularmente.

Quando o contrato

com a nova empresa

será normalizado?

As verbas para esse

programa são

suficientes para a

demandas? A suspensão

da cirurgia cardíaca

pediátrica aumentou a

demandas pelo serviço?

Há perspectiva de

que esse procedimento

volte a ser feito aqui?

TOSCANO — É verdade que houve crescimento da demanda de casos para tratamento fora do seu domicílio, aí incluídos muitos pacientes que procuram o DF e daí são encaminhados para outros serviços, em São Paulo, Paraná etc. A Secretaria continua encaminhando os casos mais urgentes. Desconheço que algum paciente tenha sido efetivamente prejudicado em razão de eventual adiamento de seu deslocamento para outros serviços. (GF e JCN)